TL295-25

II Jornadas de Timor da UP

TEMA III - CULTURA E ESTRUTURA SOCIAL

Maria Olímpia Lameiras e Henry Campagnolo
antropólogos

POVOS DE TIMOR, POVO DE TIMOR: DIVERSIDADES, CONVERGÊNCIA

(O CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO COMO FUNDAMENTO DE UMA ESTRATÉGIA)

Na introdução ao Colóquio "A caminho de sociedades pluriculturais", realizado em Paris em Janeiro de 1986, Françoise Héritier-Augé - herdeira no Colégio de França da cátedra de Antropologia Social regida até à reforma pelo antropólogo de renome internacional Claude Lévi-Strauss - faz, nos seguintes termos, referência ao conceito de identidade:

"...Esse "ponto focal virtual" ao qual é indispensável aludirmos para explicar um certo número de coisas sem lhe reconhecer existência real, retomando a frase de Claude Lévi-Strauss no encerramento do seminário sobre o tema identidade. Esse "ponto focal virtual" ao qual se reporta necessariamente o pensamento aplica-se tanto à identidade individual como colectiva. Durante muito tempo falámos de etnias como de realidades sociais e culturais homogêneas, como de um em-si de fronteiras nitidamente perceptíveis, de características nitidamente visíveis, como produtos de uma história, mas de uma história que deveria desde a origem constituí-las (a essas realidades sociais) em objecto nomeado. É verdade que se trata de uma categoria cómoda.[...]Na hora actual, nós desconstruimos a noção de etnia. [...]Falamos presentemente de sociedades - de preferência a culturas ou etnias - desses conjuntos de que os membros "se representam" o funcionamento, dessas organizações onde, segundo uma definição de Maquet que me parece muito justa, o indivíduo encontra, desde o nascimento e para toda a vida, o conjunto de

relações sociais que lhe serão precisas. Esta noção tem necessariamente um conteúdo político. A cada sociedade corresponde permanentemente um espaço dotado de uma história. Cada sociedade caracteriza-se igualmente pela coexistência nela de grupos que, simultaneamente, se distinguem uns dos outros e reconhecem pertencer a essa mesma sociedade: o político é nesta perspectiva o conjunto mínimo de sequências rituais de integração e de distinção bem como de regras de participação pelas quais se tornam visíveis as relações entre grupos, definidos pelo sexo, pela idade, pela função, pelo tipo de produção, pelo estatuto. A relação do mesmo ao outro é assim sempre tratada de uma maneira própria à sociedade que gera a sua estrutura política, por intermédio de mecanismos de ajustamento mútuo que é nossa tarefa identificar e decompor." (Actas do Colóquio "Vers des sociétés pluriculturelles", AFA, Paris, 1986, p. 35-36).

Nos debates opondo adeptos e adversários da independência de um povo, estes e aqueles justificam frequentemente as posições respectivas, recorrendo à noção de identidade cultural subtendida implicitamente pela noção de homogeneidade cultural: um povo não "mereceria" constituir uma unidade política autónoma a não ser que possuia uma homogeneidade cultural interna e uma heterogeneidade externa (divergindo as opiniões dos adeptos e dos adversários quanto à atribuição ou não, aos indivíduos implicados, de um carácter culturalmente homogêneo e, ao território por eles ocupado, de uma "fronteira" reproduzindo uma linha de heterogeneidade).

O título e o conteúdo da presente comunicação, a meio caminho entre o científico e o político-institucional, remete indirectamente para a Exposição "Povos de Timor, Povo de Timor - Vida, Aliança, morte", ainda patente no Museu de Etnologia de Lisboa (inaugurada a 14/12/89 no âmbito do Colóquio Internacional "Antropologia Timorense: Produções, Linguagens", em que participaram como conferencistas ou coordenadores

alguns dos presentes, timorenses e não-timorenses(1)). Como é afirmado na sua brochura de acompanhamento, a Exposição põe em evidência - através de bens representativos dos diversos grupos etnolinguísticos e a par de frequentes anotações sobre variações significativas de grupo para grupo - "as solidariedades induzidas entre eles pela regra de aliança e pelo culto aos antepassados, solidariedades inscritas num passado histórico comum".

De uma maneira geral, os trabalhos de investigação antropológica sobre Timor revelam dois planos de coesão da unidade territorial e socio-política coincidindo aproximadamente com Timor Oriental, um interno a cada grupo, um outro de relação entre eles.

Os exemplos extraídos esquematicamente de quatro sectores da vida dos habitantes de Timor Oriental mostrarão assim, cremos nós, como a diversidade, não só estrutura os grupos etnolinguísticos não fragmentáveis em unidades autónomas mais pequenas, mas constitui um laço estreito entre grupos etnolinguísticos distintos(2).

---

(1) Esta iniciativa - que recebeu recentemente um prémio brasileiro - tem permitido, graças complementarmente ao apoio do Serviço de Educação do Museu Nacional de Etnologia, uma expressiva divulgação da vida quotidiana e cerimonial em Timor Oriental, junto de um público geral e escolar muito interessado pelos bens e textos expostos, informando concretamente sobre os Timorenses.

(2) Estes exemplos foram desenvolvidos no decurso de uma entrevista conjunta, conduzida pelo jornalista João COELHO, Programa Diálogo, Antena 1, dias 1 e 8 de Março de 1990 e inserida numa série de emissões radiofónicas tendo por objecto Timor e os Timorenses.

1. A língua

Os Timorenses são essencialmente bilíngues, falando usualmente com fluência pelo menos duas línguas, conhecidas e praticadas de modo diferenciado:

- a primeira língua é a língua do grupo onde nasceram e passaram a infância e a adolescência; mesmo quando afastados há tempo da sua terra natal, é nessa língua que sabem designar os elementos do meio ambiente, a flora, a fauna, os fenómenos atmosféricos; é também nessa língua que sabem designar os termos de parentesco que sintetizam os traços estruturais de organização social correlada à vida económica e religiosa do seu grupo;

- a segunda língua, aprendida geralmente mais tarde quando entram em contacto com Timorenses estranhos ao seu grupo de origem, é o tetun veicular, idioma que aparece à primeira vista como uma variante "simplificada" dos tetuns "vernaculares" (tetun los ou tetun terik) falados não obstante como primeira língua por alguns grupos timorenses em áreas distintas do território (Soibada, Viqueque, Batugadé, Suai - com correspondência no outro lado da fronteira em Wehali). É nessa língua franca aprendida já em idade adulta ou adolescente - cujo ensino da leitura e da escrita foi promovido muito precocemente pelos missionários e mais tarde pela administração portuguesa (v. Cartilha tetun-português do Padre Laranjeira, mandada adoptar nas escolas oficiais de Timor por P.P. n° 121 de 17-7-916)) - que os Timorenses exprimem os conceitos comuns aos vários grupos assim como os resultantes da penetração europeia (ou de grupos tecnologicamente equiparados) no território: a simplificação morfológica, a polivalência funcional das

palavras (nome ou verbo ou também preposição ou advérbio, segundo o contexto) multiplica as combinações significativas, facilita a integração de novos conceitos. A utilização na parte extremo-oriental da ilha de um "português" rudimentar, ensinado nas escolas das missões, administração, instituição militar, foi a única excepção digna de nota ao uso do tetun como língua veicular.

Esta admissão da heterogeneidade linguística levando à manutenção das línguas locais paralelamente à promoção a língua nacional do tetun veicular, além de fornecer um suporte à aprendizagem de novas línguas, aparece como um meio privilegiado de optimizar as potencialidades intelectuais e práticas da população, fazendo beneficiar a colectividade e os indivíduos das estruturas cognitivas complexas de cada idioma.

2. Organização social e política

A exemplo do que acontece com a língua, também neste sector são atestados os dois planos mencionados:

- o de uma organização social e política própria a cada grupo com as suas práticas precisas e as suas especificidades, que tornam cada grupo uma unidade delimitada e individualizada etnolinguisticamente: estruturas mais ou menos linhageiras, presença ou não de chefias políticas e/ou religiosas, normas diversificadas de transmissão patrilinear ou matrilinear de terras, de bens, de locais de culto, de estatutos (com incidência sobre a estrutura fundiária e a literatura oral);

- o de uma organização social e política nos seus traços comuns: o agrupamento dos indivíduos em linhagens de características/contornos embora diversos, o carácter "classificatório" das terminologias de parentesco tendo em comum elementos afins/convergentes em maior ou menor número consoante a fisionomia "genética" dos grupos, a definição dos termos estruturantes da estratificação social por critérios de endogamia, uma regra de aliança implicando o indivíduo muito precocemente em torno de duas cerimónias fulcrais - o casamento e a morte/enterro, e paralelamente a adopção e a inauguração de casas linhageiras - durante as quais se procede a uma permuta assimétrica de bens de valor equivalente cuja natureza diferente [ouro, prata, armas brancas, búfalos, cavalos vivos, do lado do noivo; panos, colares em coral aurífero, porcos abatidos, do lado da noiva] exprime a orientação, o sentido de uma relação matrimonial de troca generalizada, comum à quase totalidade dos grupos timorenses (exceptuando certas regiões tetun, em particular Soibada e Viqueque).

Não obstante as particularidades do sistema social e político que o(a) encerra individualmente, cada mulher, cada homem timorense sabe, face aos membros de outros grupos, "traduzir" o próximo e o diferente, situar-se em relação aos outros sistemas e eventualmente inscrever-se dentro deles, com mais ou menos felicidade, quando a isso compelido(a) por casamento, por adopção, por razões profissionais ou por simples desejo de mudar de lugar.

3. Religião

No campo religioso e cultual, deparemos com a mesma dicotomia entre os dois planos:

- por um lado, as formas concretas de vida religiosa de cada grupo, apresentando por vezes variações relevantes de grupo para grupo e por vezes dentro do próprio grupo: práticas cultuais de distribuição colectiva ou individual e localizações cerimoniais diversificadas, tendo em conta a índole migrante ou não-migrante das linhagens consideradas;
- por outro lado, as formas "veiculares" do culto na zona oriental de Timor que apresentam feixes de traços identificáveis pelos próprios Timorenses como pertencentes a um patrimómio cultual colectivo: culto aos antepassados, culto às entidades tutelares do mundo natural.

Este hábito de articular planos diferentes e esta facilidade de posicionamento em situações diferentes complexas dá-lhes paralelamente a possibilidade de estabelecer uma correspondência viável entre os seus hábitos religiosos e certas grandes religiões universais que não façam perigar equilíbrios locais essenciais (a Deus católico fizeram facilmente equivaler uma menos interveniente divindade local, deus sol-lua, masculino-feminino, dia-noite, profano-sagrado, quente-frio, tanto mais que, exceptuando a questão delicada mas contornável do casamento entre primos, o catolicismo não entrou massivamente em conflito directo com preceitos locais; não é este o caso de uma outra religião - a religião muçulmana introduzida em muitas áreas insulíndias - em que as proibições de consumo de carne e de alcool vão amputar

certas práticas socio-religiosas dos Timorenses Orientais de suportes de codificação completamente fulcrais) [v. organização social].

4. Interacções eco-tecnologicas(3)

Neste último exemplo da presente enumeração não exaustiva, isto é que não esgota o inventário possível de exemplos susceptíveis de ilustrar esta perspectiva, constatamos de novo a coexistência dos dois níveis citados:

- o que contém formas de relacionar o ecológico e o técnico específicas de cada grupo, as quais têm a ver simultaneamente com a natureza migrante dos grupos, dos locais de partida ou de passagem das migrações, com os condicionamentos ecológicos do território de implantação já em Timor, com os mecanismos de inovação, de empréstimo, de transmissão dos saberes, accionados desde a chegada a Timor, incidindo essas formas distintas sobre os aspectos técnicos e os aspectos sociais das actividades técnicas;
- o que contém a expressão do comportamento colectivo articulando meio e aquisição/fabrico/consumo: em comum possuem uma alta interdependência do

---

(3) A Exposição já mencionada, "Povos de Timor, Povo de Timor - Vida, Aliança, Morte" e a Brochura de acompanhamento da mesma Exposição (em venda no mesmo museu e enviada aos Organizadores das Jornadas para consulta dos participantes) apresentam as várias actividades técnicas que por um lado traduzem o relacionamento com o meio natural e que por outro lado constituemo valor dos bens trocados nas cerimónias de aliança, recebendo em contrepartida a informação social que os incorpora; não detalharemos pois nesta comunicação os exemplos aqui enunciados, a não ser que solicitados nesse sentido durante o debate consecutivo.

meio natural e do conhecimento preciso que têm dos recursos dele provenientes, as regras de utilização e de exploração em consonância com um tipo de intervenção a uma escala "humana" (ainda que, como "humana", não desprovida de erros de apreciação dos critérios de exploração, tais como o não-respeito dos prazos de rotação das terras em pousio, o ritmo excessivo/negligente das queimadas); uma escala "humana" que, se não evitou incorrecções na avaliação e na execução, evitou provavelmente desequilíbrios ecológicos irremediáveis, o que não é o caso da zona ocidental de Timor.

- * -

Para além do incontestável direito basilar a escolher o quadro institucional que parece mais compatível com os objectivos e desejos de uma população, que ilações podemos inferir dos dados recolhidos, analisados, comparados durante longos anos de pesquisa miuda por vezes apagada, no campo e depois no isolamento dos gabinetes e dos centros de documentação, em movimentos de contínuo vai-e-vem entre colecta e controlo da informação, entre conceptualização, verificação de hipóteses e recolha de novos dados ?(4) Que argumentos credíveis podemos extrair desse científico, desse cultural sem ignorar, sem desmentir, sem forçar

---

(4) v. Actas do Colóquio "Antropologia Timorense: Produções, Linguagens", IICT, Lisboa 1989, no prelo.

artificialmente os factos assim identificados que na sua aspereza e insistência falarão sempre mais forte e decisivamente que a nossa maneira de os tornear ?

1. Os diversos sectores da vida de um grupo são/estão, em funcionamento normal, interligados, sendo impossível na prática e na teoria isolá-los arbitrariamente; fora das situações de investigação em que uma dada análise tem legitimidade para conferir uma circunstancial autonomia a um sector, é em necessária articulação que os diversos sectores constitutivos dão à sociedade a fisionomia que ela possui e através da qual ela é reconhecida no exterior. Por outras palavras, um só sector extirpado do seu enquadramento não pode restituir a imagem integral de uma sociedade no plano político-institucional; no caso timorense, se elementos de organização social podem apresentar indesmentíveis correspondências ou prolongamentos noutras ilhas insulíndias ou na zona ocidental de Timor, os outros três sectores aqui mencionados e a ela articulados - língua, área eco-tecnológica, religião (esta, pela incompatibilidade de preceitos religiosos e codificações locais) - apresentam uma não menos indesmentível especificidade quando comparados com as áreas vizinhas.

2. O conjunto de sectores que formam cada uma das sociedades timorenses assim como o conjunto das sociedades implantadas em Timor Oriental encontram-se inseridos num contexto histórico-institucional vivido durante séculos sob a tutela administrativa e política portuguesa. Esse contexto, isto é, a colonização portuguesa, não comprometeu no caso particular de Timor - e para lá de aspectos negativos, por vezes lesivos de

interesses locais, que nós Portugueses não podemos nem queremos escamotear - um equilíbrio original entre a autonomia das realidades socio-económicas e culturais de cada sociedade e ás referidas estruturas de comunicação facultando contactos e entendimentos sem descaracterização dos grupos e dos indivíduos(5).

Ou por negligência ou por insuficiência de meios (financeiros, técnicos, humanos) ou por respeito consciente e determinado, segundo os casos (as variantes individuais são tais que é impossível generalizar massivamente), a presença portuguesa na ilha não colidiu, foi largamente conciliável com a salvaguarda dos dois níveis descritos. [Ainda que seja forçoso admitir que a escassez de informação antropológica fundamental traduzindo-se por limitado conhecimento concreto das populações, a ausência de percepção teórica da questão timorense na sua complexidade foram factores de fragilização da defesa activa e eficiente da situação nas suas potencialidades, aquando e depois da ocupação indonésia.]

---

(5) Cabe aqui lembrar que a particular feição da acção colonial em Timor deveu - paralelamente às actividades desenvolvidas pelas Missões e Igreja/ pela Administração Civil e Militar - aos antigos deportados fixados em Timor que, após terem dissipado velhas amarras com a "metrópole", estabeleceram com Timor e os Timorenses laços afectivos e económicos vitais porque sem regresso (caso dos que morriam sem voltarem à terra natal). Não se tratando de anjos mas de homens com defeitos e qualidades, por vezes rudes - a alguns dos quais ficámos ligados por duráveis sentimentos de afecto e de gratidão - não foram na sua maioria instrumentos ou combatentes de uma ideologia colonialista; mantendo frequentemente com a governação ou as administrações locais entendimentos amistosos (serviços mútuos), veiculavam no entanto dos políticos nacionais da época (que os tinham desterrado) e da política colonial uma imagem deveras depreciativa, imagem tolerada em nome do papel insubstituível que desempenhavam, com os asiáticos, na cena económica da ilha.

3. Como não considerar pois legítimo que um conjunto de grupos etno-linguísticos forjado num inter-relacionamento institucional de vários séculos que facultou o equilíbrio original referido - concebido como ponto de partida de uma criação colectiva autónoma incrementando esses dois planos - não queira perder um "legado" susceptível de levar harmoniosamente a formas federadas de coexistência, sem hegemonização por um grupo da unidade política prefigurada?

Como não considerar pois legítimo que os Timorenses Orientais recusem o enlace mortal da potência invasora que, a pretexto de missão civilizadora e de desenvolvimento (no campo dos investimentos e dos melhoramentos da rede escolar e viária que serve prioritariamente a penetração e a movimentação civil e militar da entidade ocupante), se revelou e revele desde o início radical e sistematicamente redutora das diferenças e particularidades culturais, não dando garantias de respeitar esse equilíbrio original (entre o local e o colectivo) caracterizando indiscutivelmente a zona oriental de Timor (em contraste com a presente homogeneidade cultural muito maior da zona ocidental)?(6)

---

(6) Outras comunicações enunciaram ou enunciarão factos ilustrando profusamente essa total insensibilidade, essa indiferença sem mercê à busca e ao delinear de formas de ajustamento institucional escapando ao seu férreo controlo ideológico e militar (destruição violenta de aglomerações e de populações, deslocações e transmigrações tendo por corolário a ruptura da relação minuciosa tecida entre essas populações e o seu meio natural, identificado e inventariado ao longo de gerações, e cuja exploração meticulosa é condição e factor da sua sobrevivência e independência materiais e culturais).

Mas porquê fundamentar o legítimo direito à autodeterminação/independência (à elaboração e materialização política de uma solução institucional autónoma relativamente aos modelos impostos na vizinhança) em nome de uma identidade "mítica", a menos que a identidade não se confunda com uma caricatural homogeneidade cultural, a menos que a identidade seja definida como esse complexo e dinâmico ajustamento entre "nuclear" e "comunicativo", que funcionou naturalmente em Timor Oriental e que poderia servir de base a futuras e inovadoras formas de inter-relacionamento institucional. Modelo pioneiro, se comparado com a maioria dos modelos nacionalistas vigentes, modelo no qual outros povos inimigos e amigos poderiam e deveriam atentar com respeito e humildade, agora que muitas das certezas adquiridas são relativizadas na sua expressão quotidiana e nos seus aspectos conceptuais.

MARIA OLIMPIA LAMEIRAS-CAMPAGNOLO, investigadora CNRS (Paris), convid. CES/INIC (Lisboa)
HENRI CAMPAGNOLO, investigador CNRS (Paris), convid. CES/INIC (Lisboa)

Alcobaça, 25 de Abril 1990